

O *Estado de São Paulo*, através do qual Monteiro Lobato se tornara conhecido, empenhara-se a fundo na campanha civilista, em 1910, época em que passara a contar com Amadeu Amaral na redação. Voltara à propriedade individual de Júlio de Mesquita, em 1914, e transferira as oficinas para a rua 25 de Março, próximo à ladeira Porto Geral, onde ficaria até 1928. Ricardo Figueiredo era agora o gerente; Nestor Pestana, o secretário. Durante a Guerra Mundial, passara a receber notícias pelo telégrafo sem fio e lançara a edição da tarde, o *Estadinho*. Nela brilharia Voltolino que, depois de ilustrar, no Rio, em 1908, *O Malho* e o *D. Quixote*, este de Bastos Tigre, passara a S. Paulo trabalhando em *O Pirralho*, de Guilherme de Almeida, fundado em 1911, onde o seu forte espírito satírico criaria admiráveis bonecos calcados no tipo ítalo-brasileiro. Passara, depois, ao *Pasquino Coloniale* e ao *Saci*, de Cornélio Pires, acabando por fixar-se no *Estadinho*⁽²⁷⁶⁾. Essa edição vespertina cessou de circular quando a Guerra Mundial chegou ao fim. Foi aí que, como remate de seus males, ela nos mandou a chamada “gripe espanhola”, em 1918: a gripe devastou a redação do *Estado*, que pôde continuar a sair pelo esforço de dois sapos, Léo Vaz e Monteiro Lobato, o primeiro incorporado à redação logo em seguida. Em 1919, o *Estado* apoiaria, novamente, a candidatura de Rui Barbosa à presidência da República, resultante do impasse político a que levara a divergência entre os três Estados líderes dos destinos nacionais quando Nilo Peçanha, chefe do situacionismo fluminense, lançou o nome do grande baiano, secundado logo pelos dois jornais mais combativos da capital do país, o *Correio da Manhã* e o *Imparcial*. Foi, mais uma vez, inútil: as eleições, realizadas em 13 de abril de 1919, deram a Rui, oficialmente, 118 303 votos; a Epitácio, 249 342. A 18 de julho, Epitácio tomava posse na presidência da República.

Foi num dos discursos da campanha sucessória que Rui Barbosa fez referência ao tipo criado por Monteiro Lobato, o *Jeca*, dando ressonância nacional aos seus traços: “O que se deu com o artigo de Monteiro Lobato, ao aparecer no *Estado* em 1917, foi que ele veio como um balde de água fria numa fervura mais ou menos fátua que por todo o país andava então grassando. Ia nessa época pelo Brasil, no auge, aquilo que o sr. Gilberto Freyre polidamente chama de ‘exaltação lírica do caboclo’. Do ‘nosso

encomenda, sobreveio o imprevisto: uma súbita retração de crédito, que temporariamente cerrou todos os guichês e carteiras de empréstimos dos bancos, parализando os principais centros financeiros do país”. (Leo Vaz: op. cit., págs. 80/85).

(276) Lemmo Lemmi (1884-1926), conhecido como Voltolino, notabilizou-se, depois, como ilustrador das fábulas de Trilussa e das histórias infantis de Monteiro Lobato.